

LAZER, ESPORTE E TURISMO: IMPORTÂNCIA E USO DAS ÁREAS VERDES URBANAS EM BELÉM/BRASIL¹

Recebido em: 22/12/2011

Aceito em: 19/10/2012

Silvio Lima Figueiredo

Mirleide Chaar Bahia

Patrícia Thatyane Miranda Cabral

Universidade Federal do Pará – UFPA

Belém – PA – Brasil

Wilker Ricardo de Medonça Nóbrega

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Natal – RN – Brasil

Auda Edileusa Piani Tavares

Universidade Federal do Pará – UFPA

Belém – PA – Brasil

RESUMO: O artigo apresenta as análises da pesquisa realizada em parques e áreas verdes urbanos de uma cidade da Amazônia Brasileira, Belém. A pesquisa teve como objetivo explicitar as representações sobre as áreas verdes da cidade pelos seus usuários, em práticas de esporte e lazer, realizadas por residentes e turistas. Foram entrevistados usuários das áreas verdes, em entrevistas diretas, porém abertas, e também observações em campo. Foram debatidos os conceitos de esporte-lazer, de áreas verdes e de espaços públicos urbanos, que produziram corpo analítico para os dados coletados. A pesquisa indica a crescente busca por espaços verdes nas cidades, a diversificação das práticas, e as necessidades dos usuários, e debate ainda a relação contraditória entre o meio urbano na Amazônia brasileira e os espaços verdes, percebendo a carência de espaços desse tipo e de políticas públicas para as demandas de seus usuários e de suas práticas.

PALAVRAS CHAVE: Áreas Verdes. Esporte. Atividades de Lazer. Cidades.

LEISURE AND TOURISM: IMPORTANCE AND USE OF URBAN GREEN AREAS IN BELÉM/BRAZIL

ABSTRACT: This paper presents an analysis of a study conducted in parks and urban green areas in a city in the Brazilian Amazon: Belém. The study aimed at demonstrating the representations of green areas in the city, done by its users, and sport and leisure

¹ Artigo produzido em pesquisa do grupo Turismo, Cultura e Meio Ambiente, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA e financiada pelo CNPQ.

activities, done by residents and tourists. It involved structured, but open, interviews with users of green areas and field observations. Concepts such as sports-leisure, green areas and urban public spaces were debated and resulted in an analytic corpus of all collected data. The study indicates an increase in the demand for green areas in cities and for in the diversification of activities, as well as an increase in user's needs. Besides, it debates the controversial relationship between the urban space in the Brazilian Amazon and green spaces, pointing out the lack of both green spaces and public policies to meet the needs of users and their activities.

KEYWORDS: Green Areas. Sports. Leisure Activities. Cities.

INTRODUÇÃO

Observa-se que a procura por áreas naturais para a prática de esportes, lazer e turismo não é algo recente na história da humanidade. Entretanto, nota-se que esta prática se intensificou na modernidade, na medida em que a sociedade urbano-industrial sofreu transformações, desencadeando novos anseios no ser humano, que passou a procurar alguns lugares com características de distanciamento do agitado e intenso cotidiano das cidades, principalmente nas grandes metrópoles.

Devido ao crescente processo de urbanização que as cidades criam e enfrentam, principalmente após o advento do modelo industrial, a relação mais estreita com o meio natural foi sendo distanciada, na medida em que os espaços verdes foram sendo suprimidos para a construção das indústrias e a expansão dos centros urbanos.

Entretanto, na era pós-industrial, a sociedade começou a sentir as consequências negativas ocasionadas ao meio ambiente e a reivindicar uma melhoria na qualidade ambiental, por meio de Conferências e Congressos sobre esta temática como a Conferência sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD (1992), a Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos – Habitat I (1976) e Habitat II (1996), dentre outros; contribuindo para reforçar a ideia da importância e da necessidade de vivências em ambientes naturais.

Quando se fala em meio ambiente, no imaginário de algumas pessoas ainda se faz presente a associação deste com o espaço natural unicamente, limitando e restringindo-o, deste modo, a uma concepção naturalista. Neste trabalho, adota-se a compreensão de que o meio ambiente é muito mais que a fauna e a flora apenas; compõe-se também do ser humano e as relações sociais que estabelece, suas construções, sua história, formando um todo único e inseparável. Essa premissa corrobora com as interpretações sobre as relações entre o homem e o mundo natural, assim como os temas de lazer e esporte, associados ao meio ambiente. A perspectiva da complexidade é entendida aqui como condicionante, pois alguns temas de pesquisa não são passíveis de análise a partir das teorias convencionais e nesses fenômenos complexos, a interdisciplinaridade apresenta mais capacidade de interpretação de dados.

A relação do ser humano com a natureza sempre foi permeada de significados, de acordo com diferentes momentos históricos. O distanciamento entre mundo citadino e mundo rural no ocidente, que depois viria a ser reconhecido pelas dimensões dicotômicas campo/cidade, ou rural/urbano, aumentou consideravelmente a partir do desenvolvimento das forças produtivas do modo de produção capitalista industrial, componente principal da dimensão da vida urbana demonstrado, sobretudo, na obra clássica de Eric Hobsbawm (2002) entre outros.

O distanciamento do chamado “mundo natural” (THOMAS, 1988), com relações conflituosas homem – natureza, pois as matas improdutivas e não cultivadas eram consideradas um obstáculo para o progresso da humanidade e a supervalorização do mundo citadino provocou, com o passar do tempo, um movimento, de sentido inverso, de “retorno à natureza”, presente em obras da literatura neoclássica e em outras artes e nas viagens e estadas em locais que evocavam a natureza, como áreas campestres e

litorais de oceanos e margens de rios e lagos, na Europa moderna (CORBIN, 2010). Essas viagens foram importantes para o nascimento da atividade turística e eram realizadas para fins de lazer, e até mesmo para práticas desportivas (FIGUEIREDO, 2010).

Com o aumento da sensibilização mundial em relação à questão ambiental, sobretudo nas últimas décadas do século XX, em plena globalização, incrementa-se a demanda por áreas naturais, onde a poluição e a degradação dos grandes centros urbanos ainda não se faziam presentes.

Apesar de sua presença marcadamente reduzida, áreas naturais que possibilitem estas vivências podem ser encontradas também no meio urbano, em forma de parques, bosques, jardins, tendo seu uso ordenado e controlado por leis. As áreas verdes localizadas em centros urbanos possibilitam o contato direto do ser humano com a natureza aí presente, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos, além de ser um espaço para vivências esportivas e de lazer.

É neste contexto, que a presente pesquisa procura discutir a relevância das áreas verdes urbanas, utilizadas para a prática de esportes e de lazer na dinâmica de uma cidade da Amazônia Oriental - Brasil, a cidade de Belém, no estado do Pará, e analisar seus usos e as representações para seus usuários, caracterizados tanto como moradores da cidade, quanto como turistas que a visitam e realizam alguma atividade, quer esportiva, quer de lazer. Os *loci* da pesquisa são três áreas verdes urbanas, denominadas: “Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emilio Goeldi”, “Parque Zoobotânico Bosque Rodrigues Alves” e “Mangal das Garças”. A escolha das referidas áreas se deu devido a sua representatividade, por serem áreas de intensos fluxos de moradores e turistas, bem

como por possuírem grande importância na história social da capital desse estado brasileiro.

A pesquisa faz parte de uma investigação mais ampla que tem por objetivo explicitar as relações sociais estabelecidas em espaços públicos definidos como espaços naturais ou espaços verdes urbanos. Ela se desmembra nos estudos dos agentes relacionados ao campo social do uso, representações e políticas públicas nesses espaços, tanto visitantes-turistas, como moradores, abordando suas práticas definidas e definidoras do próprio espaço natural. A definição do campo social inclui outros agentes que estão sendo estudados com metodologia específica. Na presente pesquisa priorizou-se a abordagem qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica e de campo, em pesquisa exploratória, e com resultados referentes à relação entre as práticas, e as representações da importância da relação homem-natureza indicada pelo uso e pela forma de uso dos espaços verdes públicos urbanos.

Como instrumento para a coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevistas semi-estruturado, direcionado aos usuários do Parque Zoobotânico Bosque Rodrigues Alves, do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Mangal das Garças. De acordo com Dencker (2000), nas entrevistas semi-estruturadas as perguntas deverão ser respondidas por meio de uma conversação informal, no entanto, deverão seguir um roteiro preliminar. A entrevista é diretiva (THIOLLENT, 1986), no entanto existe liberdade de condução, de acordo com as possibilidades dos entrevistados.

As entrevistas foram gravadas em aparelho MP4 e transcritas na íntegra, sem alterações de ordem ortográfica ou de concordância, para maior fidedignidade dos dados. A amostragem foi definida de forma aleatória e probabilística e o número de entrevistados foi definido com base no critério de saturação dos dados, pelo qual as

entrevistas são encerradas quando as respostas tornam-se repetitivas (TRIVIÑOS, 1987).

No total, participaram dessa etapa da pesquisa 22 usuários, sendo 09 moradores de Belém e 03 moradores de Ananindeua (município que compõe a Região Metropolitana de Belém e que pela proximidade, também apareceu nas entrevistas) e 10 turistas, entre eles, residentes de outras regiões do Estado do Pará, bem como advindos de outros Estados. As entrevistas foram realizadas no mês de Junho de 2010, tiveram a duração de uma semana e representaram a primeira etapa do estudo dos campos sobre esporte e lazer nas áreas verdes de Belém. Entre elas, as três áreas que compõem esta pesquisa, as quais apresentam características diferentes entre si.

O Parque Zoobotânico (PZB) do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), possui uma área de 5,2 hectares e encontra-se no centro urbano de Belém sendo, desde sua criação, um dos mais importantes espaços de lazer na capital paraense, bem como atrativo turístico para visitantes regionais, nacionais e estrangeiros. O Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição de pesquisa reconhecida internacionalmente, e atualmente, possui três espaços físicos: o Parque Zoobotânico (localizado na Avenida Magalhães Barata, em Belém), o Campus de Pesquisa (localizado na Avenida Perimetral, em Belém) e a Estação Científica Ferreira Penna (localizada no Município de Melgaço-PA).

O Bosque Rodrigues Alves é uma área verde municipal localizada no centro de Belém, caracterizada como um dos principais espaços de lazer da capital paraense que oferece ao público a possibilidade de contato com uma parte preservada da floresta de terra firme amazônica em área urbana. Inaugurado em 25 de agosto de 1883 como Bosque Municipal do Marco da Légua, passou a ser Jardim Botânico a partir de julho de

2002, entrando para a lista do *Botanic Gardens Conservation International* (BGCI), rede mundial de jardins botânicos, que possui 1.800 integrantes em 148 países. Em 2008, este espaço recebeu a denominação de Parque Zoobotânico, em função do Jardim Zoológico que abriga desde 1904. Este parque possui uma variedade de espécies da fauna e da flora amazônica, e segundo dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMMA, órgão da Prefeitura de Belém ao qual é vinculado, o espaço conta com mais de 80 mil espécies de plantas vasculares, principalmente orquídeas, cactos, palmeiras, bulbosas, coníferas e árvores de regiões temperadas e espécies silvestres, especialmente as que estão ameaçadas, assim como milhares de espécies cultiváveis de importância econômica e seus correspondentes silvestres, como plantas frutíferas e medicinais (SEMMA, 2010).

O Parque ecológico Mangal das Garças, localizado às margens do Rio Guamá, no entorno do Centro Histórico da cidade, é fruto de uma revitalização de uma área de 40 mil m² adjacente ao Arsenal da Marinha e antes pertencente ao 4º Distrito Naval. A vegetação predominante na área, o aningal, foi preservada. O parque naturalístico orçado em R\$ 15 milhões iniciou suas obras em 2001 e foi inaugurado no dia 12 de janeiro de 2005, data em que a capital paraense comemorava 389 anos de sua fundação. O Mangal das Garças conta com vários espaços, sendo quatro deles monitorados e com pagamento de ingresso para seu acesso: Farol de Belém, Viveiro das Aningas ou Viveiro dos Pássaros, Borboletário, reserva José Márcio Ayres e Museu Amazônico da Navegação.

Além dos animais encontrados nos espaços monitorados, existem ainda aqueles que estão soltos pelo parque como cisnes, aves pernaltas, marrecos e quelônios

observados em sua grande maioria no lago central e nos lagos artificiais. A visita de significativo número de garças faz jus ao nome escolhido.

As principais atividades desenvolvidas nas áreas verdes pesquisadas são: passeios, contemplação da fauna e flora, descanso, caminhadas (dentro e no entorno dos parques), palestras de educação ambiental, e também eventos promovidos por grupos. Os três parques constituem as principais atrações turísticas da cidade, recebendo um fluxo de visitantes provenientes de vários estados brasileiros e de outros países, principalmente por serem representantes da vegetação da floresta amazônica e por constituírem os roteiros turísticos de agências e operadoras de viagem. O turista aqui não é apenas o viajante, oriundo de outros municípios, mas também os viajantes que buscam o lazer e suas práticas (FIGUEIREDO & RUSCHMANN, 2004). Além do público residente em geral e do turista, os parques recebem grandes quantidades de crianças e adolescentes alunos de escolas públicas e particulares de Belém e de municípios próximos.

PARQUES URBANOS: A NATUREZA NA CIDADE

O inchaço do espaço urbano trouxe consigo as mazelas decorrentes da urbanização desordenada e sem planejamento, tais como, as más condições de moradia e de saneamento. Fato este observado ainda em grandes metrópoles, cuja concentração urbana carece de políticas públicas que visem minimizar tal realidade.

Deste modo, com o avanço da malha urbana, *a priori* os espaços naturais foram sendo alvos de destruição, para dar lugar às novas moradias e expansão das indústrias, não havendo assim, a preocupação com a preservação do meio natural. A natureza, já não tinha mais tanta importância quanto à lucratividade advinda do novo meio de

produção, gerador de valorização econômica do espaço urbano e de especulação imobiliária.

Entretanto, tal ordenação espacial não supriu as necessidades dos habitantes dos centros urbanos que não tinham espaços de práticas esportivas e de lazer, de encontros e práticas sociais, além da deteriorização da qualidade de vida nos centros urbanos. Para Henri Lefèbvre (2001, p. 22-23), “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na cidade”.

Assim sendo, começam a surgir na Europa idéias, no intuito de tentar conciliar os espaços verdes com os espaços urbanos, e tentar minimizar os impactos do fenômeno urbanístico. O que, não seria tarefa fácil, em um período no qual a natureza ainda era vista, principalmente, como fonte de matérias-primas para o desenvolvimento industrial (SILVA & FERREIRA, 2003).

A criação de espaços verdes urbanos seria uma forma de resolver a insalubridade da vida urbana e também de se aproximar mais o habitante da cidade da natureza, por meio do seu ordenamento pelo controle humano. Esses espaços verdes foram representados pelos espaços privados, dos quintais e jardins domésticos, pela arborização urbana das ruas e pelos jardins públicos, praças, parques e bosques. Foi neste contexto que a urbanização pela qual a Europa passou, levou em conta a necessidade de incluir áreas verdes na ordenação do espaço físico (SEGAWA, 1996).

As áreas verdes no contexto urbano sejam em forma de parques, jardins, bosques, hortos, configuraram-se como uma opção de lazer a residentes e turistas, bem como de se ter “o direito à cidade”, idéia defendida por Lefèbvre (2001).

No entanto, não é difícil encontrar estes espaços associados à especulação imobiliária, que valorizam as áreas do entorno, tendo como principal *marketing*, as benesses da vegetação existente.

[...] trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades especificadas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e *momentos*, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos. Enfim, a necessidade da cidade e da vida urbana só se exprime livremente nas perspectivas que tentam aqui se isolar e abrir os horizontes (LEFÈBVRE, 2001, p.105).

Nesse caso, a dimensão urbana atual não vive sem espaços verdes, que não podem ser confundidos com “vazios” espaciais, mas que completam a teia da vida citadina na relação público/privado, participando com os espaços públicos mais gerais, como a rua e a calçada, do cotidiano da cidade. Nessas áreas, se desenvolvem práticas institucionalizadas ou não, de lazer, de esporte e de cultura, das quais participam moradores e turistas. Essas práticas compreendem o descanso e a observação da paisagem, práticas relacionadas à fruição cultural, e também práticas esportivas de leve impacto, principalmente no que se considera como Esporte de Lazer ou Recreativo.

O esporte vem sendo classificado sob três enfoques: Educacional, de Lazer ou Recreativo e de Rendimento. Esta classificação vem sendo adotada em alguns países, incluindo o Brasil, e seu Ministério do Esporte conceitua o esporte de lazer ou recreativo como uma atividade em que há a prevalência do sentido lúdico, caracterizado pela livre escolha, satisfação e construção de valores éticos e políticos. Ele se realiza em limites temporais e espaciais do lazer como expressão de festa e alegria. Por meio dele, o ser humano só vivencia situações esportivas lúdicas e prazerosas, seja em pequenos grupos ou em multidão (BRASIL, 2005). Tem como princípios dominantes o prazer, a

participação, a inclusão, o bem estar social, oferecendo, também oportunidade de liberdade ao praticante (TUBINO, 1992).

As práticas de esporte de lazer relacionadas com parques urbanos são aquelas caracterizadas por dimensões que se completam (esporte e lazer) e “compõem uma práxis que, no tempo presente dos conteúdos culturais físicos e esportivos, com valores modificados para formas positivas, agora são responsáveis pela configuração de uma dimensão socialmente organizada e parte do mesmo ambiente” [...] (STUCCHI, 2009, p. 6); também são consideradas práticas esportivas não-formais, com liberdade lúdica e autonomia de seus praticantes, sem a obrigatoriedade de observância das normas nacionais e regras nacionais ou internacionais, ou seja, seriam as práticas esportivas caracterizadas pela informalidade e liberdade, praticadas livremente como direito de cada um (PIMENTEL, 2007).

Tais práticas, de esporte, lazer ou práticas culturais, são amplamente utilizadas pelo turismo que tem, nos parques, jardins e áreas verdes das cidades, importantes atrações. A partir das reflexões sobre as áreas verdes em meio citadino e de suas práticas, é importante visualizar um panorama da cidade de Belém-PA.

ÁREAS VERDES URBANAS NUMA CIDADE DA AMAZÔNIA ORIENTAL: A REALIDADE DE BELÉM-PA

A criação dos jardins e o plantio de árvores nos logradouros públicos se fizeram presentes em várias capitais brasileiras, das quais, no fim do século XIX e início do século XX, se destaca a cidade de Belém, com a implantação de uma política urbanística que valorizava a criação de espaços públicos onde a natureza tinha presença marcante.

No período 1898 a 1911, a arborização de áreas urbanas, visando ao embelezamento da cidade e a melhora do sistema de saneamento e higienização foram marcantes no governo de Antonio Lemos, senador do Estado do Pará e intendente de Belém. Natural do estado do Maranhão, Antonio José de Lemos, deixou sua marca na história de Belém ao realizar, durante seu governo, um plano de modernização e urbanização. Foi influenciado pelo urbanismo realizado por Haussmann, em Paris. As intervenções do urbanista francês, por sua vez, tinham como elementos predominantes:

[...] traçados com numerosos entroncamentos em forma de estrela, numa estrutura de bulevares, avenidas, ruas largas que se sobrepunham à trama existente, que impôs à cidade a imagem de uma capital moderna cuja regularidade da trama viária era compensada pela implantação de uma série de parques românticos (VIEIRA, 2007, p. 156).

Em Belém, a criação e manutenção de espaços públicos urbanos ajardinados voltados para o lazer da população e visitantes estrangeiros tiveram, na administração de Antonio Lemos, uma atenção especial, dentre os quais se podem ressaltar espaços como a Praça da República, a Praça Batista Campos e o Bosque Rodrigues Alves, este último um dos espaços estudados na presente pesquisa.

Estas modificações urbanas na capital paraense foram favorecidas, financeiramente, pelo auge do ciclo da borracha, no final do século XIX e início do século XX, que por sua vez trouxe benefícios em várias esferas. Deste modo, as mudanças durante esse período não se restringiram somente ao campo econômico, mas também podiam ser notadas no plano cultural, que tinha como referência o padrão de vida europeu, ficando esta época conhecida como *Belle Époque*.

Os espaços de lazer e turismo no contexto das cidades são elementos indispensáveis para a qualidade de vida da população, embora muitas vezes, o lazer não tenha sua importância reconhecida por parte dos governantes, sendo relegado a um

segundo plano nas políticas elaboradas. É imprescindível destacar que não basta apenas criar tais espaços, mas também garantir acessibilidade a todos.

Em estudos de Mirleide Bahia sobre a distribuição dos espaços e equipamentos de lazer na cidade de Belém, verifica-se que estes não são encontrados de forma igualitária entre os bairros e distritos deste município, levando, conseqüentemente, a um usufruto desigual da população, onde os residentes dos bairros mais periféricos ficam restritos a poucas ou, às vezes, a nenhuma opção de lazer, pela carência de políticas públicas voltadas a esta área (BAHIA & FIGUEIREDO, 2008).

Em se tratando de áreas verdes, estes números são mais preocupantes. Um jornal de circulação local, referindo-se à pesquisa realizada pelo IMAZON – Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia em 2003, afirma que: “conhecida como a ‘Cidade das Mangueiras’, Belém está ficando sem áreas verdes. A Região Metropolitana de Belém perdeu mais de 69% de sua cobertura vegetal, num processo que vem se intensificando desde 1986” (BAHIA *et al*, 2008, p. 68). Observa-se que a cidade de Belém possui apenas 31% de sua vegetação original, e uma das causas desta realidade é a falta de planejamento urbano, visto que a maioria dos bairros cresce sem dois fatores fundamentais: o ordenamento e a responsabilidade ambiental.

Em Belém, ainda existem áreas verdes que não possuem infraestrutura adequada para receber visitantes, desperdiçando sua potencialidade de ser mais uma área de prática de esportes e de lazer na qual residentes e turistas possam usufruir com segurança. Como exemplo desta situação, pode-se citar o Parque Estadual do Utinga, uma Unidade de Conservação Estadual, caracterizada por se localizar em Área de Proteção Ambiental (APA) na capital paraense. Além dessa área, existem outros

parques que não têm respaldo legal pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), pois não são unidades de conservação.

É contraditório observar que na Amazônia, considerada rica em cobertura vegetal e biodiversidade, a própria população urbana seja carente de áreas verdes com infra-estrutura adequada para a visitação.

Há escassez de parques e áreas de lazer, as unidades de conservação não oferecem segurança e dispõem de infra-estrutura precária e o acesso às poucas áreas verdes, concentradas em instituições de ensino e pesquisa e na esfera militar, é muito restrito. Sem políticas públicas voltadas à resolução desses problemas, a vocação natural de Belém como uma cidade com áreas de lazer arborizadas torna-se cada vez mais distante (BAHIA *et al*, 2008, p. 69).

Apesar dos benefícios proporcionados pelos espaços verdes, sua criação e manutenção ainda são carentes de maiores atenções por parte do poder público, que não vê as questões socioambientais como pauta prioritária nos seus planos de governo, muitas vezes, não dando a merecida ênfase aos parques, tão significativos para o usufruto da população e para a melhoria da qualidade de vida nas cidades.

O OLHAR DOS ENTREVISTADOS

Algumas perguntas foram direcionadas somente aos turistas e outras somente aos residentes do município de Belém, para melhor compreensão de alguns pontos.

Primeiramente buscou-se saber dos visitantes de outras cidades, a opinião sobre as áreas verdes que Belém possui, por meio da pergunta: *O que você acha das opções de áreas verdes que Belém possui?* Os turistas destacaram principalmente a beleza da fauna e da flora, bem como o encantamento que estes espaços despertaram, mostrando a importância que estas áreas possuem no âmbito turístico.

Estou me surpreendendo bastante, são muito bonitas (E8 - Turista).

Foi possível também registrar, um pouco de decepção dos turistas em relação à quantidade de áreas verdes encontradas, pois, levando em consideração que a cidade de Belém está na Amazônia, conhecida mundialmente pela sua rica vegetação e biodiversidade, a expectativa de ver abundância de espaços verdes para o lazer, é inevitável.

São muito bonitas. Mas acho que, como a cidade está na Amazônia, poderia ter mais (E4 - Turista).

Aos moradores da cidade, questionou-se: *Quais as áreas verdes da cidade que você costuma frequentar?* Verificou-se, por meio de suas respostas, a limitação que existe na escolha dos espaços verdes, restringindo-se estas, em sua maioria, ao Bosque e ao Museu – nome pelo qual os referidos Parques Zoobotânicos são mais conhecidos pela população local.

Só o Bosque e o museu Emilio Goeldi mesmo (E12 - Morador). Só mesmo o Bosque e o Museu (E19 - Morador).

Outros espaços de lazer são citados pelos entrevistados, como as praças, e o Mangal das Garças, este último citado por apenas um morador e pela maioria dos turistas. Este fato pode indicar que o Mangal não é tão frequentado pelos moradores entrevistados, talvez pelo fato de ser um espaço que seja mais frequentado pela elite local e visitantes de outras cidades, representando para a maioria da população a possibilidade de um acesso apenas parcial. Silvio Figueiredo questiona a acessibilidade a espaços como este, quando afirma que neles,

[...] as áreas verdes são utilizadas a partir de um controle absoluto dos comportamentos, pois nos gramados dessas áreas não é permitido sentar ou andar [...] o cuidado excessivo se relaciona da mesma forma que os materiais utilizados nas reformas desses espaços, muitos materiais importados de valor superdimensionado (FIGUEIREDO, 2008, p. 87).

Aliado a isto pode estar o fato de que no Mangal são cobradas taxas para se ter acesso aos principais atrativos do parque, o que pode ser uma barreira para as classes de menor poder aquisitivo. Esta situação é o que Nelson Marcellino chama de “sacralização” do espaço, pois devido à exuberância de suas estruturas o seu uso pode ficar atrelado ao nível econômico de seu usuário (MARCELLINO, 1996).

Esta carência de áreas verdes disponíveis para o lazer, observada tanto por turistas, como confirmadas por moradores locais, faz parte da realidade belenense há alguns anos, e sua situação vem sendo agravada com a expansão e o avanço do processo urbanístico. A insuficiência de áreas verdes na Região Metropolitana de Belém (composta pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara e Santa Isabel) é confirmada no relatório socioambiental que o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON) publicou em 2008, intitulado “Belém Sustentável 2007”.

De acordo com este relatório “a Grande Belém tem perdido cobertura florestal, ao contrário de outras regiões metropolitanas do Brasil onde há iniciativas para ampliá-las” (LEÃO; ALENCAR; VERÍSSIMO, 2008, p. 31). E no caso específico da capital paraense, este número é mais alarmante, pois entre os municípios pesquisados nesse mesmo ano, “Belém possuía a menor área *per capita* de floresta: 85 metros quadrados de floresta por habitante”, uma redução de 12 m² quando comparado com o ano de 2001.

Ainda sobre as áreas verdes frequentadas pelos moradores, entre as praças citadas, fez-se referência apenas à Praça da República e à Praça Batista Campos, demonstrando também outra realidade de Belém, que é a falta de criação de novas praças e a manutenção das existentes, bem como a escassa realização de programações

gratuitas que divulguem o espaço e atraiam o público. Dessa maneira, são poucas as praças que se encontram adequadas para o lazer e atividades esportivas dos usuários.

A Praça Batista Campos, a Praça da República, aqui [Museu] e a gente também gosta de ir no Bosque (E22 - Morador).

Em 2006, das 207 praças encontradas em Belém, apenas 67 estavam com suas áreas verdes conservadas e 12 sem qualquer vestígio de área verde. Em relação ao lixo, 55 tinham muito lixo e 06 possuíam lixo em excesso, dificultando o objetivo de sua criação, que é o de propiciar um espaço de lazer à população e aos visitantes (LEÃO; ALENCAR; VERÍSSIMO, 2008).

Concernente ao motivo que levou o usuário a escolher uma área verde para visitar, as razões são as mais diversas, entretanto, um ponto que foi comum, tanto aos turistas, quanto aos moradores, foi o contato com a fauna e a flora. A questão norteadora foi: *O que o motivou a visitar esse espaço verde da cidade?*

No caso de turistas, a visita ao parque também representa o conhecimento da cidade, por meio de seus atrativos, e do que ela pode oferecer aos seus visitantes em termos de lazer.

Eu vim com amigos, conhecer o espaço, um pouco mais da fauna e flora (E4 - Turista); Me falaram que era muito bonito o parque, que tinha os animais para as crianças verem, aí eu o trouxe. E realmente é lindo (E21 - Turista).

Além do lazer proporcionado aos seus visitantes, os parques pesquisados, oferecem a vivência de peculiaridades que fazem parte da cultura local, motivando também a visita e sendo mais um fator de atratividade.

Tem muito animal, muita planta, criança precisa de planta, do contato com a natureza, o meu filho gosta, aqui (Bosque) tem a canoa que não tem na cidade (E9 - Turista).

Em relação aos moradores, ao responderem à mesma pergunta sobre o motivo em visitar o parque, verificou-se que a visita ao espaço se dá, em ampla maioria, pela oportunidade do contato com o meio natural, de estar em um espaço onde se pode respirar um pouco de ar puro, e também proporcionar às crianças uma aproximação com a natureza, sendo este momento de lazer e descontração no meio natural, um meio para mostrar à criança a importância do cuidado que se deve ter em relação às questões socioambientais.

Assim, à ida ao parque possui vários benefícios, como por exemplo: vivenciar um momento de lazer com a família, com os amigos, para o relaxamento do estresse urbano e ainda para a educação ambiental do ser humano.

A proximidade com a natureza, a possibilidade de dar um momento de contentamento para essa criança e estar com a família (E5 - Morador); Pelo ambiente, porque a gente vive numa cidade muito conturbada, cheia de poluição. E vir respirar esse ar aqui de vez em quando, é muito bom (E10 - Morador).

Os espaços públicos, entendidos como áreas de sociabilidade e lazer, são indispensáveis ao cotidiano das cidades e também podem ser percebidos com dupla função: pois, ao mesmo tempo em que proporciona lazer aos moradores, pode ser visto como uma amostra do que determinada sociedade possui, atraindo os visitantes que querem conhecer o que pode ser classificado como típico do lugar (FIGUEIREDO, 2008).

Neste sentido, Antonio Castrogiovanni afirma que as cidades podem vir a se consolidar como produtos culturais e turísticos significativos, pois muitos viajantes continuarão tendo aspiração em conhecê-las, sendo importante que planejadores ou gestores turísticos considerem este cenário como fundamental. Futuramente é possível que seja fundamental a participação de técnicos em turismo e especialistas em cultura nas equipes que elaboram os planos diretores das localidades, podendo gerar produtos

mais qualificados para atrair visitantes e investimentos de toda ordem (CASTROGIOVANNI, 2000).

Quando questionados: *Em sua opinião, qual a importância desse parque para a cidade de Belém?* Inúmeros aspectos foram lembrados, mostrando o quão significativo é sua presença na dinâmica dos centros urbanos, tanto para quem reside, quanto para quem está visitando a cidade. Entre os elementos apontados, está a melhoria da qualidade do ar percebida durante a visita.

Acho que é muito importante, principalmente para a saúde. Ainda é um local onde se respira ar puro. Acho que o mais importante é isso (E14 - Morador); Eu acho bastante importante para as pessoas conhecerem as espécies de árvores, da fauna, acho legal. E também ar, oxigênio! É sempre importante preservar (E21 - Turista).

Os parques urbanos oportunizam o (re) encontro com o meio ambiente natural tão escasso, principalmente, nas grandes metrópoles. Além de todos os benefícios socioambientais (equilíbrio do clima, redução da poluição atmosférica e sonora, oferta de um ambiente agradável para prática de esportes, caminhadas, passeios, entre outros) que uma área verde urbana proporciona, ela também se constitui em uma significativa área de esporte, lazer e turismo. Para Marcellino (1996) os espaços preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo, vínculos afetivos. Além disso, preservando a identidade dos locais, pode-se manter, e até mesmo aumentar o seu potencial turístico.

Deste modo, a presença de parques no contexto urbano, também se justifica pelo fato de que, além do patrimônio natural, neles se encontram também a história de uma cidade, sua cultura, sua identidade, o que não deixou de ser notado nas falas dos entrevistados. Por isso é vital que os gestores olhem com mais atenção para os parques

urbanos, pois eles são uma amostra da riqueza ecológica e cultural de um município, como foi percebido na pesquisa.

Acho importante, porque a identidade da cidade tá muito ligada a isso, tá muito ligada, pelo menos no que a gente tem de visão externa. Acredito que está muito ligada à natureza, ao verde, e tem que preservar senão perde a identidade, perde a história (E7 - Turista).

Diante dos inúmeros motivos que destacam a importância de áreas verdes urbanas, ainda se fez presente entre os entrevistados novamente, a questão da escassez de áreas verdes, bem como a má distribuição das áreas de lazer na cidade de Belém, reafirmando dados do IMAZON, de que a Região Metropolitana de Belém vêm sofrendo com a perda de suas áreas verdes. Em alguns casos esta redução se dá pelo fato de que algumas florestas urbanas ainda não estão protegidas por lei, favorecendo sua ocupação.

Eu penso que Belém poderia ter muito mais áreas como essa. Infelizmente, é uma reserva pequena diante de uma imensidão de áreas verdes que a gente tem. E reconhecer a importância desses espaços aqui na cidade, eu acho extremamente importante, deveria ter até mais, porque a cidade é grande, tem pessoas que moram muito longe e que não tem essa possibilidade, então deveria ter em outros locais espaços como esse (E13 - Morador).

Por meio da pergunta: *Quais as experiências que você leva da sua visita ao parque?* O conhecimento sobre as espécies arbóreas e animais, foram destaque. Os parques zoológicos são também uma forma de mostrar aos usuários, as pesquisas e os trabalhos desenvolvidos pela instituição, no que tange à questão socioambiental.

Conhecimento e deslumbramento das belezas do parque, conhecimento da infraestrutura e dos programas realizados aqui (Museu) de educação ambiental. Conhecimento de algumas plantas, da flora e da fauna que eu não conhecia (E11 - Turista). Aqui fazemos a caminhada.(E10 – Morador).

Assim, o lazer pode também ser considerado objeto e veículo de educação (MARCELLINO, 1995), fazendo com que o morador e o visitante, durante este momento obtenham também mais conhecimento sobre o patrimônio ambiental urbano

de uma cidade, alicerçado num conceito ampliado e evoluído de caracterização das cidades pelo seu valor histórico, social, ambiental, cultural, formal, técnico ou afetivo, com possibilidades de maior abrangência do conceito, incluindo usos e costumes (MARCELLINO, 2006).

Para obter esse resultado, o turista e o morador realizam práticas e vivências próximas. Geralmente os turistas percebem sua atividade no parque como passeio, enquanto que o morador realiza ora passeios, ora caminhadas. Essas caminhadas, que fazem parte do esporte-lazer, servem para vivificar o processo de sensibilização. As vivências dos momentos de lazer em áreas naturais constituem-se, portanto, em uma significativa ocasião para despertar nos usuários uma reflexão maior acerca do cuidado que se deve ter com o meio no qual vivemos. Sobre as experiências levadas do parque, algumas falas relacionadas à reflexão ambiental podem ser percebidas.

Que o ser humano sem o contato com a natureza, ele perde muita coisa, principalmente a saúde, que a natureza em si, a arborização, o ar puro, aqui a gente tá recebendo o ar puro devido às árvores, então é importante para o ser humano esse clima aqui que nós estamos sentindo, estamos presenciando, é muito bom (E3 - Morador).

Experiências também como tranquilidade, relaxamento e bem-estar; em oposição ao ritmo cada vez mais frenético e intenso das metrópoles, se fazem presentes. A este respeito, Marcos Gomes e Beatriz Soares afirmam que “do ponto de vista psicológico e social, [as áreas verdes] influenciam sobre o estado de ânimo dos indivíduos massificados com os transtornos das grandes cidades, além de propiciarem ambiente agradável para a prática de esportes, exercícios físicos e recreação em geral” (GOMES & SOARES, 2003, p. 21).

Os espaços de esporte e lazer criados para serem usufruídos pela população e, conseqüentemente, por turistas, fazem parte do patrimônio ambiental urbano de uma

cidade e precisam ser concebidos como tal, isto é, faz-se necessário a população reivindique ao Estado sua igualitária distribuição na malha urbana, de modo a atender não apenas os bairros mais centrais, como foi observado na presente pesquisa, mas também os bairros mais periféricos.

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é o suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial (SANTOS, 2009, p. 10).

Os parques urbanos possuem grande potencial como atrativos turísticos de uma cidade, e podem se constituir em mais uma fonte de divisas para o município, estimulando o desejo de visitantes em conhecer um pouco mais da rica biodiversidade amazônica.

É importante reiterar que a cidade de Belém, ainda possui áreas disponíveis para a instalação de espaços de esporte e lazer junto à natureza, como por exemplo, o Parque Estadual do Utinga e o Parque Ambiental de Belém, que ainda não oferecem condições adequadas ao uso público, desperdiçando a oportunidade de oferecer à população residente e aos turistas mais espaços para vivências qualificadas em áreas verdes públicas urbanas.

Torna-se mister que as áreas verdes urbanas sejam olhadas com mais atenção pelo poder público, para que estes espaços de preservação, educação ambiental, cultura, esporte, lazer e turismo não estejam fadados ao desaparecimento em face à crescente (e em alguns casos, sem planejamento) urbanização.

Como as formas de apropriação da cidade expressam o modo das relações de produção, desenvolvimento desigual, concentração, exclusão etc., tudo isso está

presente também no modo de vida urbano. Nesse sentido, não é possível que o poder do dinheiro e da especulação trace o desenho das cidades (BAHIA, 2012).

Por isso, há necessidade de estabelecimento de políticas urbanas, voltadas à questão da função social das cidades. Dentre estas, a questão da manutenção de espaços verdes urbanos para a possibilidade de vivência do lazer, procurando, de um lado, acabar com o movimento especulativo em torno dos novos empreendimentos mercadológicos e, de outro, ampliar as possibilidades de lazer acessíveis para o conjunto da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É ampla a discussão em torno das questões relativas ao meio ambiente e à contribuição de todos em sua preservação, em busca de uma melhor qualidade de vida para a população. Com isso, nota-se uma crescente busca por espaços naturais que possam de alguma forma, proporcionar um estreitamento das relações do ser humano com o ambiente natural, e esta acontece, frequentemente, por meio de vivências de esportes, de lazer e de turismo.

Contudo, a análise do estudo realizado aponta para uma diminuição dos espaços verdes nos centros urbanos na cidade de Belém - Pará, em decorrência da expansão do processo urbanístico, muitas vezes, desordenado e sem planejamento, bem como a não regularização de algumas áreas verdes que ainda não estão protegidas em forma de lei, o que poderia dificultar sua redução.

O objetivo desta pesquisa foi atingido quando, a partir do referencial teórico e das entrevistas realizadas, com moradores e turistas, constatou-se a imprescindível

relevância que as áreas verdes desempenham no contexto urbano, tanto para quem reside na cidade, quanto para quem a está visitando.

Verificou-se que estas áreas são de indispensável importância no sistema urbano. Além de seu valor paisagístico, contribuem para a purificação do ar, a redução de ruídos, o abrigo para a fauna, à melhoria do bem-estar e da qualidade de vida da população, sendo também um significativo espaço de esporte, lazer e turismo, proporcionando ao ser humano a possibilidade de reencontro com o ambiente natural e o resgate de vivências que foram sendo distanciadas pela complexidade do ambiente urbano.

As práticas de esportes e as vivências de lazer em áreas naturais constituem-se também em uma expressiva ocasião para despertar nos usuários uma reflexão maior acerca do cuidado que se deve ter com o meio no qual vivemos. Esta sensibilização é necessária para que o usuário, tanto morador quanto turista, possa, conseqüentemente, repensar seus atos e assumir uma postura de comprometimento e colaboração para a preservação do meio ambiente para as gerações futuras, exercendo assim a prática da cidadania.

A acessibilidade ao espaço público, ou seja, à própria cidade e aos equipamentos públicos componentes da mesma –, não é somente física, pois possui subjetividades e nuances “que ultrapassam o *design* físico de ruas, praças, parques, largos, *shoppings centers* e prédios públicos” (SERPA, 2009, p. 16). Essa acessibilidade não se reduz à questão material, mas pressupõe, igualmente, representações sociais e é carregada de simbolismos, com algumas interdições (barreiras físicas, paisagísticas, imagéticas etc.) que dificultam a acessibilidade dos indivíduos ao espaço.

Algumas ruas, calçadas, parques e praças ainda são lugares públicos com apropriação de populações pobres e que muitas vezes o são ou por representarem relações simbólicas significativas ou por serem os únicos lugares que essa população tem acesso, em função da proximidade de suas moradias. No entanto, como mostra Bahia (2012), o que se percebe na atualidade, é que muitos espaços públicos são projetados e implantados pelo Estado com intenções características de um estilo de vida de classes médias, que torna homogêneas as diferenças culturais, na defesa de modos de consumo globais.

Percebe-se que a criação de espaços verdes públicos urbanos, bem como a instalação e a manutenção de uma infra-estrutura básica que atenda aos usuários ainda é relegada a um segundo plano pelo poder público, quando se vê que em uma cidade amazônica, como Belém, as opções de lazer em um parque natural se restringe, basicamente, aos espaços aqui estudados.

Mostrou-se ainda com esta pesquisa que, os parques naturais em centro urbanos, constituem-se em importantes atrativos turísticos, pois além de seu patrimônio natural, neles se pode encontrar uma síntese da cultura e identidade da região, atraindo o interesse de visitantes em estar em um ambiente tipicamente amazônico.

Deste modo, os governantes devem atentar para o fato de que os investimentos em parques urbanos ao mesmo tempo em que beneficiam a população autóctone, também contribuem para o desenvolvimento da atividade turística, gerando novas alternativas para a economia local.

Esses espaços possuem fundamental importância para a dinâmica de uma cidade, pois se transformam num *locus* de representação de um espaço verde “conservado e preservado” dentro da dinâmica urbana, podendo caracterizar-se como

elementos mediadores de uma vivência humana mais aproximada à melhor qualidade de vida, transformando-se em espaços destinados à vivência do lazer, ao contato com a natureza, a momentos de sociabilidade, a momentos de introspecção e sensibilização sobre a importância de tais espaços, para a dinâmica das *urbes* e da vida dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

BAHIA M. C., *et al.* Os Equipamentos de lazer das cidades: o caso de Belém-PA. In: FIGUEIREDO, S. L. (Org.) **Turismo, lazer, planejamento urbano e regional**. Belém: Ed. NAEA/UFPA. 2008. p. 59-77.

_____. **O Lazer e as relações socioambientais em Belém – Pará**. 2012. 300 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

_____.; FIGUEIREDO, S. L. Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém. **Licere**, v. 11, n. 2, p. 1-17. 2008.

BRASIL - Ministério do Esporte. **Resolução nº 05/ Conselho Nacional de Esporte**. Brasília, 14 de junho de 2005.

CASTROGIOVANNI, A. Turismo e ordenação do espaço urbano. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org.) **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 23-32.

CORBIN, A. **Le Territoire du vide**, l'Occident et le désir du rivage 1750-1840. Paris : Flammarion, 2010. 407 p.

DENCKER, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2000. 285 p.

FIGUEIREDO, S. L. Espaços públicos nas cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação. In: FIGUEIREDO, S. L. (Org.) **Turismo, lazer, planejamento urbano e regional**. Belém: Ed. NAEA/UFPA, 2008. p. 79-92.

_____. **Viagens e Viajantes**. São Paulo: Annablume, 2010. 328 p.

_____.; RUSCHMANN, D. R. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 7, n. 1, p. 155-188, 2004.

GOMES, M. A. S.; SOARES, B. R. A vegetação nos centros urbanos: considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. **Estudos Geográficos**, v. 1, n. 1, p. 19-29. 2003.

HOBBSAWM, E. **L'ère du capital** : 1848 – 1875. Paris : Hachette, 2002. 463 p.

LEÃO, N., ALENCAR, C.; VERÍSSIMO, A. **Belém sustentável 2007**. Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2008. 140 p.

LEFÉBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 146 p.

MARCELLINO, N. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996. 128 p.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1995. 164 p.

_____. Lazer, Espaço Urbano e Transversalidade. In: CARVALHO, J. E. (Org). **Lazer no Espaço Urbano**: Transversalidade e Novas Tecnologias. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 71-82.

PIMENTEL, E. S. **O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira**: de 1941 até 1998. 2007. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2009. 176 p.

SEGAWA, H. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1996. 258 p.

SEMMA. SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/portal/new/index.php?option=com_content&view=article&id=6148&Itemid=664 . Acesso em: 18 maio 2010.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009. 205 p.

SILVA, F.; FERREIRA, W. Parques Urbanos de Uberlândia: estudo de caso no parque municipal Victorio Siqueirolli. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2, 2003. Uberlândia. *Anais...* Uberlândia, 2003. p. 1-11.

STUCCHI, S. Esporte de Lazer: uma nova concepção pela Educação. **Licere**, v. 12, n. 4, p. 1-30. dez. 2009.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Editora Polis, 1986. 270 p.

THOMAS, K. **O Homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 454 p.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 176 p.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. 96 p.

VIEIRA, M. E. M. **O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar**. São Paulo: Ed. Annablume, 2007. 254 p.

Endereço dos Autores:

Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Meio Ambiente
Universidade Federal do Pará – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – sala 219
Cidade Universitária José da Silveira Netto - Av. Augusto Corrêa, 01 -
Guamá - 66075-900 - Belém-PA/Brasil
Endereço Eletrônico: turismo.naea@gmail.com